



GT2: CIDADANIA E CULTURA

COMO O BRASIL É RETRATADO NOS CAPÍTULOS SOBRE A GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA EM LIVROS DIDÁTICOS PARAGUAIOS EM COMPARAÇÃO AOS BRASILEIROS

Natalirio Cleto Cardoso Junior; nccjunior@hotmail.com

RESUMO: O brasileiro que aprendeu sobre a Guerra do Paraguai na escola depois da década de 60 não tem motivos para se orgulhar de seu país. Afinal, a versão sobre o conflito disseminada pelos livros didáticos é que o Brasil, a Argentina e o Uruguai foram usados em uma guerra arquitetada pela Inglaterra para arruinar o Paraguai. Intelectuais nacionalistas e de esquerda, com inspiração marxista, criaram a imagem de López como líder anti-imperialista. O Paraguai pré-guerra era apresentado por esses estudiosos como uma república autônoma, um país que havia conseguido alcançar o equilíbrio social e o desenvolvimento econômico. Tal condição representaria uma ameaça para a Inglaterra, que perderia uma fonte de matéria-prima no exterior e um comprador de seus produtos industriais. Assim, os ingleses teriam manipulado o Brasil e a Argentina para que destruíssem o Paraguai. Neste trabalho analisaremos livros didáticos usados no Paraguai especificamente nos capítulos que tratam deste conflito, no entanto, neste breve trabalho, não objetivo revisitar a historiografia brasileira sobre a da guerra do Paraguai, mas verificar um contraponto no discurso apresentado nos livros didáticos paraguaios e como eles podem contribuir para enriquecer nossos próprios manuais.

Palavras-Chave: Guerra do Paraguai, livros didáticos, identidades.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos fazer algumas aproximações preliminares quanto ao estudo comparativo de livros escolares paraguaios especificamente em capítulos referentes á guerra do Paraguai, ou Guerra da Tríplice Aliança, como são referidos nestes manuais. Ainda que não seja o objetivo deste trabalho estudar a transposição didática da historiografia tradicional paraguaia para os manuais escolares e como este processo se deu neste país, vamos nos limitar apenas à observação e a detectar a princípio, parcialmente, como as profundas marcas deste importante conflito se refletem no ensino da história deste nosso vizinho. Dada a proporção que a guerra atingiu e a devastação do Paraguai em todas as suas estruturas, assumimos de antemão que este evento ainda ecoa para além da atual situação sócio econômica deste país e assim tentamos desvendar como ele se perpetua e é descrito nas páginas dos livros didáticos.

Importante se destacar aqui a dificuldade em se conseguir os livros escolares paraguaios, no entanto, os manuais estudados, Estudos Sociales 1 e 3, foram muito esclarecedores e representativos em nossa análise prévia, mesmo que sendo da



década de 90, eles ainda estavam em uso na década seguinte e mesmo que infelizmente, ainda nos falta uma clareza de qual o contexto político em que eles foram escritos, ainda assim acabaram por nos fornecer uma valiosa ferramenta de observação de como a Guerra do Paraguai e sua reconstrução são estudados neste país e até que ponto estes importantes eventos podem contribuir para a formação de uma identidade nacional paraguaia. Dessa forma, levando em conta nossas limitações, nos resta reconhecer que com esta nossa breve análise, apenas tratamos de um estudo exploratório pelo qual somente nos aproximamos do tema, ou seja, orbitamos em torno de um caminho no qual, futuramente, possamos nos aprofundar e nos levar a uma melhor compreensão de como os reflexos deste conflito ainda hoje se fazem presentes na forma como o Paraguai é descrito para os seus jovens.

2.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Guerra do Paraguai, Guerra da Tríplice Aliança ou simplesmente a Grande Guerra, como é mais conhecida no Paraguai, denomina o maior conflito armado já ocorrido na América Latina e mesmo a mais de 150 anos de seu início, ainda existem muitas controvérsias entre os historiadores quanto aos motivos que levaram o ditador paraguaio Francisco Solano López a dar início ao maior conflito. O Paraguai lutou contra a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) e acabou derrotado. Até hoje o país não se recuperou plenamente das consequências da guerra. Alguns especialistas entendem que o conflito era parte da política expansionista de Solano López, outros afirmam que foi uma reação "desproporcional" do ditador à invasão do Uruguai pelo Império brasileiro. Solano López declarou guerra ao Brasil em 13 de dezembro de 1864 e, em seguida, invadiu a região que hoje corresponde a Mato Grosso do Sul. No mesmo ano, o Brasil havia invadido o Uruguai e destituído o presidente.

Para Francisco Doratioto, no livro "Maldita Guerra", Solano López tinha um plano: ele teria declarado a guerra em busca de novos territórios e de uma saída para o mar através do domínio do Rio Prata, libertando-se, assim, das tarifas alfandegárias cobradas pelo porto de Buenos Aires.

No livro "Genocídio americano: a guerra do Paraguai", publicado em 1979, Chiavenato entende que Solano López se sentiu ameaçado por pensar que seria o próximo alvo do Império brasileiro. O ditador, porém, não acreditava que a guerra se estenderia por tanto tempo. A intervenção brasileira no Uruguai era uma coisa que vinha sendo preparada há muito tempo. A reação do Paraguai foi desproporcional, pois não tinha diplomatas com traquejo para negociar a situação. López teve uma reação passional: quando se viu ameaçado, reagiu de forma patriótica. (CHIAVENATO, 1979)

Em um ponto, porém, há consenso entre os historiadores: Solano López errou ao iniciar uma guerra que matou boa parte da população de seu país e provocou consequências econômicas, sociais e políticas que o Paraguai não conseguiu superar até hoje.

Tais questões transitam de diferentes formas por entre o saber e a produção acadêmica e o saber dito escolar, aquele que de fato chega nas escolas na forma de



livro didático e que pode nos dizer muito sobre como este assunto é construído no imaginário da população e como, ou se, desperta sentimentos em relação aos envolvidos no conflito. Para tanto, é preciso se construir uma análise focada no comparativo entre os discursos dos vencedores e dos derrotados, isto é, perceber quais fatores os livros paraguaios destacam quando se trata da Grande Guerra.

O estudo da Guerra do Paraguai faz-se importante no ensino de História devido à mesma ter sido um conflito de caráter verdadeiramente divisor na história das sociedades desses países, como se refere Doratioto:

Entre 1740 e 1974, o planeta teve 13 bilhões de habitantes e assistiu a 366 guerras de grande dimensão, ao custo de 85 milhões de mortos. O resultado dessas guerras parece ter sido um prêmio à agressão, pois em dois terços delas o agressor saiu-se vencedor e, quanto à duração, 67% terminaram em derrotado, e a luta se estendeu por cinco anos. Foi o conflito externo de maior repercussão para os países envolvidos, quer quanto mobilização e perda de homens, quer quanto aos aspectos políticos e financeiros. O enfrentamento entre a Tríplice Aliança e o Paraguai tornou-se verdadeiro divisor na história das sociedades desses países (...). (DORATIOTO, 2002, p. 17).

Além disso, a narrativa histórica sobre a Guerra do Paraguai é um exemplo para que se possa observar de que forma o conhecimento histórico presente nos livros didáticos trabalha a visão do processo histórico dos Estados envolvidos, se esta história é marcada pelo conflito e a diferença, ou pelas aproximações.

A maneira como este conflito é retratado nos manuais didáticos, tanto no Brasil como no Paraguai pode ser um caminho para compreendermos melhor um importante viés formativo das nacionalidades de cada um desses países, visto que deixou inegáveis e profundas marcas na população, seja no campo do imaginário popular como, especialmente no caso do Paraguai, no campo econômico e social.

Em uma análise preliminar, vamos nos propor a debater sobre as seguintes obras paraguaias: **Estudios Sociales 1** de Irmina C de Lezcano e Angélica R de Z Vallejo e **Estudios Sociales 3** de Irmina C de Lezcano e no caso das obras brasileiras, vamos analisar uma quantidade maior, sendo que algumas delas são o **Projeto Radix: História, História, Sociedade & Cidadania, Os caminhos do homem e Nova História Crítica da América**.

Os conteúdos relativos à Guerra do Paraguai, ao longo do tempo estiveram alinhados com as concepções historiográficas vigentes em cada distinto momento da historiografia oficial, assim, ao analisar as obras que serviram de manuais para o ensino de História logo após a década de 1870, por exemplo, é possível averiguar uma concepção positivista de História, ao menos no que compete aos livros brasileiros, isto implica em uma história com uma visão patriótica do conflito, apresentando um Paraguai governado por um tirano que justificava a intervenção do Império brasileiro contra os paraguaios. São obras que consagram uma narrativa linear e militarizada do conflito, pautada na ação de grandes homens e de seus feitos.

Esta linha explicativa da Guerra do Paraguai permaneceu até meados da década de 70, quando surge uma outra abordagem historiográfica, pautada no marxismo e pela obra Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai de autoria do



jornalista Júlio José Chiavenato. Este livro surge em um período em que diversas ditaduras se desenvolvem na América e em que há uma mudança política e ideológica que reflete também nos relatos referentes à Guerra do Paraguai.

Para Nunes: "...a economia é a base da estrutura e a dinâmica da sociedade. As contradições nas relações de produção geram a luta de classes que é o motor da História, na expressão de Marx" (NUNES, 1996, p.113). De alguma forma, neste período, as afirmações de Marx foram resignificadas de modo a construir como a "grande culpada" pela eclosão do conflito, as questões econômicas e nesse sentido, com o intuito de assegurar seu domínio no Prata, a Inglaterra teria manipulado Brasil, a Argentina e o Uruguai em uma longa e exaustiva campanha contra o Paraguai.

No Brasil, essa leitura teve grande aceitação na época, tanto entre a comunidade leiga como na acadêmica e também pela literatura didática. Isso na atuação do Paraguai e por outro transferiram e a culpa pelos horrores e atrocidades cometidos durante o conflito para o Brasil e a Inglaterra.

Neste contexto destacam-se, por exemplo, as Coleções Didáticas Os caminhos do homem (Ricardo de Moura Faria, Flávio Berutti e Adhemar Martins Marques) e Nova História Crítica da América (Mario Schmidt) que retratam, em seus capítulos referentes à Guerra do Paraguai, uma visão marxista, com ênfase nos aspectos econômicos. Tais manuais circulavam normalmente até meados da década de 1990 transmitindo a ideia de um Paraguai moderno e com um exército poderoso, economicamente independente da Inglaterra e com uma severa crítica à postura do Império brasileiro (SQUINELO, 2003, p. 38).

Em uma análise preliminar e mais quantitativa, o que chama a atenção é a diferença no número de páginas dedicadas ao conflito, suas causas, o ambiente pré-guerra e suas consequências. Observa-se que as coleções brasileiras Projeto Radix: História e História, Sociedade e Cidadania dedicam respectivamente 5 e 3 páginas, enquanto que os manuais paraguaios Estudios Sociales volumes 1 e 3 dedicam respectivamente 11 e 15 páginas.

Quanto à narrativa apresentada nas coleções didáticas brasileiras em questão, podemos dizer ambas contemplam uma concepção de História Integrada, ao passo que transitam entre conteúdos de História Europeia, das Américas e do Brasil.

Ambos os textos principais apresentam ao leitor uma narrativa linear e pautada nos acontecimentos, feitos, batalhas e heróis que de acordo com esse perfil de escrita foram fundamentais no contexto da Guerra.

Resumidamente, temos na Coleção História, Sociedade & Cidadania um apanhado de informações sucintas do conflito que acabam por não possibilitar ao aluno uma compreensão ou mesmo uma possibilidade de indagação sobre o tema.

A abordagem do contexto que levou à Guerra é feito com base na configuração na região do Prata na época, basicamente as disputas e divergências entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, com certo destaque para a relação de Solano López com o Uruguai e sua política expansionista. A assinatura do Tratado da Tríplice Aliança também é lembrada de forma breve, sem, entretanto, analisar o efeito desse acordo para os países que assinaram. Por fim, o autor aborda as consequências da Guerra apresentando o número de mortos no Paraguai e



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

apontando para como essa questão é complexa, polêmica e divergente nas pesquisas sobre o tema.

Por outro lado a Coleção Projeto Radix: História reforça a construção da ideia de um Paraguai forte, economicamente independente e com um poderoso exército comandado por Solano López, isto é, coloca o Paraguai em uma posição destacada em diversos quesitos frente aos demais países da região, como podemos ver:

Com os governos de José Francia (1811-1840) e Carlos López (1840-1862), o analfabetismo foi praticamente erradicado do país e instalaram-se estradas de ferro, telégrafo, várias fábricas (inclusive de pólvora e armas) e uma siderúrgica. O controle do governo sobre diversas fazendas (num total de 64 “fazendas da pátria”) permitia que toda a população tivesse condições satisfatórias de alimentação. (VICENTINO, 2012, p. 268).

Em relação à política adotada por Solano López, o governante paraguaio neste período, destaca-se que: “... empreendendo uma política militarista, defendia a ideia de que a continuidade do progresso de seu país dependeria de uma expansão territorial que garantisse acesso ao Oceano Atlântico”. (VICENTINO, 2012, p. 268)

O autor segue sua narrativa com certo enfoque nas batalhas entre o Paraguai e os aliados com destaque para a atuação de Duque de Caxias e encerra com uma breve relação de apontamentos sobre as consequências que o conflito trouxe para os países envolvidos.

Em ambas as obras, observamos traços de uma narrativa histórica factual e determinística, no entanto, em se tratando de contradições, podemos apontar uma que, ao meu ver, me parece mais notável, especialmente se compararmos com os manuais paraguaios.

Na Coleção História, Sociedade e Cidadania, no item sobre as Correntes Historiográficas, o autor esclareceu o seguinte:

pautamo-nos por alguns referenciais teóricos da História Nova, daí entendermos a História como um conhecimento em permanente construção, por isso tomamos o documento como ponto de partida e não de chegada na construção do conhecimento e, além disso, incorporamos a ação e a fala de mulheres, dos negros, dos indígenas, dos operários e de outros sujeitos antes relegados ao esquecimento (BOULOS JR, 2012, p. 9).

Infelizmente, tal tendência não é encontrada no texto principal sobre a Guerra do Paraguai. O que vemos, na realidade é uma narrativa linear, política, de cunho militarista e que por consequência exclui o cotidiano, os embates, os enfrentamentos, as dificuldades, os imprevistos e os improvisos que evidentemente marcaram o conflito, assim como os diversos sujeitos históricos que protagonizaram a Guerra do Paraguai. Fica restrito apenas a um pequeno Box intitulado “Para Saber Mais” a abordagem da questão da participação negra na guerra.

Na situação inversa, temos o volume 3 de Estudios Sociales, escrito por Irmira Lezcano que, neste ponto, traz uma rica gama de informações como a participação feminina na guerra e interessantes aspectos do cotidiano paraguaio no desenrolar da guerra como por exemplo as publicações de revistas na época, a posição da igreja e até mesmo a música e as artes plásticas.

Os manuais paraguaios estudados trazem uma quantidade bem maior de informações dedicadas à guerra, sendo dada uma importância maior que a própria



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

independência do país; este acontecimento, aliás, no caso dos livros analisados, ocupa 4 páginas, contra 15 páginas sobre a guerra.

Neste caso, essa constatação vai de encontro com a análise de Fraga (2004) que explica que os países envolvidos tratam o episódio de maneiras diferentes:

Se nos livros Paraguaio ela tem mais importância que a Independência, é estudada sumariamente na maior parte nos manuais brasileiros e argentinos, enquanto os livros uruguaios a tratam como episódio circunstancial, quase estranho à história do país. (FRAGA, 2004, p.42).

No que diz respeito à narrativa histórica apresentada nestes manuais, podemos destacar algumas características importantes e que considero de certa forma, conflitantes com os manuais brasileiros aqui relatados, tais como:

a) Discurso de vitimização do Paraguai, apontando o Brasil como único responsável pelo início do conflito – Ao contrário de parte da historiografia brasileira que tentava, segundo alguns autores, apontar a Inglaterra como principal influenciadora e beneficiária deste conflito, o livro Estudios Sociales sua atuação no Uruguai e posteriormente por deliberadamente invadir o território paraguaio:

Los países vecinos pretendían territorios que legítimamente correspondían al Paraguay. Se firmaron tratados entre nuestro país, la Argentina y el Brasil em los que se establecía que los límites debían ser definidos em el año 1862. No obstante el Brasil fundó los fuertes de Miranda y Dorados.(LEZCANO, 1992, p.146)

b) Descreve Solano López como grande líder da nação – Podemos perceber que a figura de Solano López está muito presente quando se pensa identidade nacional paraguaia e essa ideia de um líder emblemático se reflete nos livros didáticos, pois é um importante veículo de propagação e sustentação do mito nacional.

Lopez é retratado nas inúmeras descrições de batalhas presentes no livro didático Estudios Sociales como um grande líder militar, sempre a frente das tropas, mesmo em situações adversas de combate, como na descrição da batalha de Humaitá:

Lopez, que tenía su comando em Humaitá, em noviembre de 1865, se trasladó a Paso de Patria, para ponerse al frente del ejército acampado allí. Organizo la batalla de Corrales (...). El enfrentamiento con tropas muy superiores em número obligó a los paraguayos a emprender la retirada. (LEZCANO, 1992, p.149)

Também pode ser visto como aquele que evitava a guerra ao máximo e propunha tentativas de paz, mesmo que ignorado por seus inimigos:

Ante la prolongación de la sangrienta guerra,(...) el Mariscal Francisco Solano López, em carta enviada al jefe del ejército argentino Bartolomé Mitre, Le propuso una entrevista em el lugar llamado Yatayty-Corá (...). Lopez expresó al jefe argentino la necesidad de hallar una solución a la guerra, a fin de terminar con Ella ya que mucha sangre, de ambas partes, estaba derramándose, por lo que era conveniente arribar la paz. (...) Ante el fracaso de esta tentativa de paz, la guerra continuó con más saña y crueldad. (LEZCANO, 1992, p.150)



**II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas
22 a 24 de novembro de 2017**

Ou mesmo antes do início da guerra aparece como um mediador dos conflitos na região platina:

López trató de mediar en el conflicto uruguayo-brasileño- argentino, pero ello no prosperó. (...) el gobierno paraguayo presentó al Ministro brasileño em la Asunción, el 30 de agosto de 1864, una nota, em la que manifestaba que la ocupación Del Uruguay por el Brasil atentaría contra el equilibrio de los Estados del Plata, pelo que expresaba su formal protesta. (LEZCANO, 1992, p.150)

Fato é que em muitos livros, encontramos a figura de Solano López ligada a ideais napoleônicos, tendo em muitos estudos López chamado de “Napoleão do Prata”, como no trabalho de Manlio Cancogni e Ivan Boris (1975), “Solano López O Napoleão Do Prata”. Como de fato aconteceu em uma de suas viagens à Europa, Lopez conheceu o sobrinho de Napoleão, o que muito provavelmente o deixou ainda mais empenhado em transportar suas ideias napoleônicas para a América.

c) Detalhamento da guerra em suas principais batalhas – Mesmo que os manuais brasileiros pareçam, à primeira vista, militaristas, não se comparam ao livro paraguaio analisado. Este nos traz uma grande quantidade de batalhas, minimizando as derrotas e exaltando a coragem e patriotismo do povo paraguaio e seu líder Solano López.

El ejército paraguayo, muy inferior em cuanto a número de soldados y pertrechos de guerra, iba a librar una titánica lucha frente a tres ejércitos muy superiores em cantidad de combatientes y em materiales de guerra. (LEZCANO, 1992, p.148)

Neste sentido vemos que na historiografia paraguaia, muitos escritores evidenciam e exaltam as manobras de Solano López, que dizia que o soldado paraguaio era onipresente. No entanto não é o entendimento da maioria dos livros didáticos da América do Sul, que trazem o relato que crianças e velhos compunham a maior parte do contingente militar de Solano López, entendimento este expresso da seguinte forma:

Lamento dizer que mais de metade do Exército paraguaio era composta por meninos de dez a catorze anos de idade. Essa circunstância fez a batalha do 21 e os dias que seguiram particularmente horríveis e cruéis. Estes pequenos, na maioria dos casos, nus, regressaram arrastando-se, em grande número desgarrados, destroçados em todas as formas concebíveis. (ALCALÁ, 2005, p. 74).

d) Destaque para a participação das mulheres na resistência e na reconstrução do país – Este ponto de destaque mostra uma visão de valorização e reconhecimento do sacrifício de todos os setores da população paraguaia na guerra, em especial no papel que as mulheres desempenharam, tanto nas batalhas quanto na reconstrução de um Paraguai completamente destroçado ao final do conflito.

La participación de los habitantes fue total pues hombres, mujeres y niños supieron defender la con valentía y patriotismo. (LEZCANO, 1992, p.148)

La mujer paraguaya no estuvo ausente de los grandes acontecimientos nacionales. Cuando estalló la Guerra Grande, no vaciló em prestar su colaboración em todo que lo podía. (LEZCANO, 1992, p.155)



O livro didático verificado retrata a mulher Paraguaia como grande responsável pela reconstrução do Paraguai, relatando sua dedicação na continuidade das famílias e também na força de trabalho nos campos. Após esta breve análise nos livros didáticos anteriormente relacionados, podemos dizer que em linhas gerais os manuais brasileiros apresentam uma visão da Guerra do Paraguai mais pautada na afirmação do exército nacional e grandes nomes da guerra, uma postura mais crítica e equilibrada das causas do conflito, porém, dão muito pouca ou nenhuma ênfase na participação das minorias como os negros e as mulheres. Por fim, usamos o livro didático produzido no Paraguai, onde podemos ver a forma de abordagem fortemente ligada à formação de uma identidade nacional paraguaia e a meu ver, especialmente usando o livro como um espaço de enaltecimento da figura de Solano Lopez como o grande líder máximo da nação, além de ressaltar o expansionismo do Império brasileiro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os paraguaios continuam ensinando que sua identidade nacional é definida por uma história de unidade e luta diante da agressão externa (BROWN, 2009, p.39). Muitos dos mesmos dilemas que enfrenta o Paraguai aparecem em outros lugares, já que as sociedades lidam com a questão do que ensinar às gerações futuras sobre identidade e pertencimento. Isso se faz evidente também ao abordarmos os livros escolares brasileiros, pois da mesma forma, retratam um discurso historiográfico que atende às concepções de nossa identidade. Um resultado interessante que encontramos neste estudo e que gostaria de ressaltar é o destacado papel que as mulheres paraguaias assumem nos livros didáticos paraguaios observados, assumindo um papel de protagonismo no pós-guerra e sendo fundamental na reconstrução nacional. Sabe-se que o Paraguai teve sua população masculina em idade produtiva quase totalmente aniquilada, e que frente a esta realidade, as mulheres, tanto dos campos como das cidades, formaram várias frentes para repovoar e reerguer o país. Outro ponto importante a se destacar seria a construção da imagem de Solano López. Este que, mesmo na historiografia paraguaia já passou por algumas contradições, mas no livro em nos debruçamos aparece como um grande líder militar, fazendo o impossível para defender a pátria da agressão de inimigos muito mais poderosos. Mas até que ponto o conteúdo dos livros escolares traz mudanças ideológicas amplas? Certamente, para ver se os intensos debates que cercam esses materiais são justificados, é necessária mais pesquisa, não só quanto aos processos que os criam, como seu conteúdo, mas também seu efeito sobre as ideias populares. Essa pesquisa pode explicar ainda mais as tensões aparentes que afligem as construções da nação e da identidade nacional em um mundo em constante mudança.

Por entender que este estudo deva ser abordado e explorado em todos os seus aspectos, devido à dinâmica que este acontecimento exerceu na história dos países envolvidos, acreditamos que este tema não se esgote aqui, tendo o aprofundamento das questões referentes à guerra do Paraguai uma grande importância em consonância com os manuais didáticos e contribuindo para a relação do ensino e o conhecimento produzido de História.



4.REFERÊNCIAS

ALCALÁ, G. R. Ideologia Autoritária. Brasília: Funag/IPRI, 2005.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. História: Sociedade & Cidadania. 2. ed. reformulada. São Paulo: FTD, 2012.

Brown, Christopher David. The Nation and National Identity in Paraguayan Scholl Textbooks. Eckert.Analysen, 2010/2011.

CHIAVENATO J. J. Guerra do Paraguai: Genocídio Americano. São Paulo. Editora Brasiliense, 1979. CHIAVENATO, Julio José. Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DE LEZCANO, I. C. Estudios Sociales 1. Asunción: Comuneros S. A, 1992.

DE LEZCANO, I. C. Estudios Sociales 3. Asunción: Comuneros S. A, 1992.

DORATIOTO, F. F. Maldita Guerra: Nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FRAGA, R. Uma guerra e muitas versões. Nossa História, São Paulo: Vera Cruz, 2004.

NUNES, Silma do Carmo. Concepções de mundo no ensino da história. Campinas: Papirus, 1996. SQUINELO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande. 2. ed. UCDB, 2003.

SQUINELO, Ana Paula. A Guerra do Paraguai essa desconhecida: ensino, memória e história de um conflito secular. Campo Grande. 2. ed. UCDB, 2003.

VICENTINO, Cláudio. Projeto Radix: História. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2012.